

UNIVERSIDADE SANTO AMARO

Comunicação Social – Habilitado em Jornalismo

Ana Flavia Galdino Mendonça

**JORNALISMO LITERÁRIO NA OBRA DE ADRIANA CARRANCA NO
LIVRO “O AFGANISTÃO DEPOIS DO TALIBÃ”**

São Paulo

2018

Ana Flavia Galdino Mendonça

**JORNALISMO LITERÁRIO NA OBRA DE ADRIANA CARRANCA NO
LIVRO “O AFGANISTÃO DEPOIS DO TALIBÃ”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de comunicação social da Universidade
Santo Amaro – UNISA, como requisito parcial para
obtenção do título Bacharel em jornalismo
Orientadora: Prof Deise Roza

São Paulo

2018

ANA FLAVIA GALDINO MENDONÇA

JORNALISMO LITERÁRIO NA OBRA DE ADRIANA CARRANCA NO
LIVRO O AFGANISTÃO DEPOIS DO TALIBÃ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Santo Amaro – UNISA, como requisito parcial para obtenção do título Bacharel em jornalismo, Orientador: Prof. Deise da Roza Oliveira, Cidade São Paulo de 06 de dezembro de 2018.

Banca Examinadora

Prof. Dr.....

Prof. Dr.....

Profa. Dra.....

Conceito Final: _____

RESUMO

A união entre literatura e jornalismo contribuem para o desenvolvimento de novos modelos de narrativas. O livro reportagem, utiliza um modelo textual que nasceu e se definiu no limite das duas áreas. O livro é um veículo de comunicação que abre espaço para construção de histórias que não teriam utilidade no jornalismo diário. Com base na estrela de sete pontas, que caracteriza o jornalismo literário e a partir do mapeamento e análise dos relatos contados no livro O Afeganistão depois do Talibã, e da reportagem da revista NATO também sobre "O Afeganistão: o que tem corrido de bem o que tem corrido mal, " será feita uma análise comparativa, onde serão apontadas as possíveis semelhanças na construção das narrativas.

Palavras-chave: Jornalismo. Jornalismo literário. Análise. Características. Livro-reportagem. Teorias.

ABSTRACT

The Union between literature and journalism contribute to the development of new models of narratives. The book report, uses a textual template which was born and if defined within the limits of the two areas. The book is a communication vehicle that opens space for construction of stories that would not have utility in daily journalism. Based on the seven-pointed star, featuring literary and journalism from the mapping and analysis of the reports in the Afghanistan counted after the Taliban, and NATO also magazine report about "Afghanistan: what has gone well what has gone wrong, "a comparative analysis, where you will be pointed to the possible similarities in the construction of narratives.

Keywords: Journalism. Literary journalism. Analysis. Features. Book report. Theories.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 INTRODUÇÃO AO JORNALISMO	8
2.1 Teorias do Jornalismo	16
3 JORNALISMO LITERÁRIO	20
3.1 Estrela de Sete Pontas.....	24
3.2 Linguagem Literária.....	25
4.3 Livro-reportagem	26
5 JORNALISMO DIGITAL.....	31
5 ANÁLISE E MAPEAMENTO DA REVISTA DIGITAL	36
6 MAPEAMENTO E ANÁLISE DO LIVRO REPORTAGEM	39
7 ANÁLISE COMPARATIVA.....	48
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS.	53
ANEXOS 1 REPORTAGEM DIGITAL	
ANEXOS 2 REPORTAGEM DIGITAL	
ANEXOS 3 REPORTAGEM DIGITAL	
ANEXOS 4 REPORTAGEM DIGITAL	

1 INTRODUÇÃO

O gênero Jornalismo Literário une o texto jornalístico à literatura com uma postura ética e humanizada. Este ramo do jornalismo foge do noticiário superficial, revela um universo que geralmente fica oculto nas entrelinhas das matérias essa modalidade apresenta um ponto de vista pessoal, autoral, sobre a realidade.

Ele pode ser expresso através de livros, filmes, programas de TV, artigos de jornais e revistas, meios virtuais, entre outros.

Esta especialidade é também chamada de literatura não-ficcional, literatura da realidade, jornalismo em profundidade, jornalismo de autor. Esta monografia busca identificar os elementos que formulam o jornalismo literário nas entrevistas do livro "O Afeganistão depois do Talibã" da jornalista Adriana Carranca e o que difere das reportagens especiais.

Para isso, o trabalho mapeou as características do Jornalismo Literário e comparou com a reportagem da revista online Nato "O Afeganistão: o que tem corrido bem, o que tem corrido mal". Essa reportagem retrata o país do mundo árabe entre 2001 e 2011, dentro da retirada dos Talibãs pós atentado do 11 de setembro de 2001, contra os Estados Unidos da América.

Como base teórica buscou-se fazer uma revisão bibliográfica com referências em livros e sites sobre o tema, tendo como objeto de pesquisa, materiais sobre jornalismo, jornalismo literário de autores como Nilson Lage, Felipe Pena, Nelson Traquina, Eduardo Belo e outros.

Com essa base de conhecimentos a monografia apresenta a história do jornalismo que se conhece hoje e como o jornalismo literário surgiu.

A contextualização dos fatores históricos do jornalismo, como também o mapeamento das técnicas, contribuíram para estruturação e desenvolvimento da pesquisa.

Dentro desse universo, o trabalho possibilita explorar o tema levando em consideração a investigação bibliográfica, que segundo Marconi e Lakatos (2017, p.262) "possibilita o

desenvolvimento da capacidade de coletar, organizar e relatar informações obtidas e, analisar e até interpretar os dados de maneira lógica e apresentar conclusões. ” Além disso, as características do jornalismo literário servirão para consolidar a análise e a comparação entre as duas plataformas de comunicação (o livro e a revista online) utilizando todos os aspectos do livro e da reportagem na revista digital.

O tratamento oferecido à construção da monografia terá o método hipotético-dedutivo que segundo Lakatos e Marconi (2017) se baseia em conhecimento prévio do assunto a se pesquisar, na origem do problema.

O objetivo geral que norteou essa análise foi verificar, identificar e analisar os elementos descritos na estrela de e sete pontas que reúnem as faces da composição do novo jornalismo, ou seja quais características do Jornalismo Literário são utilizadas no livro reportagem e de que maneira estas obras podem ser consideradas alternativas para o jornalismo diário.

Os objetivos específicos limitam-se à analisar quais as características da literatura encontram-se nas notícias dentro do livro-reportagem, e se o livro é a melhor opção para a apresentação prática das narrativas.

A escolha desse tema surgiu a partir da reflexão dos novos modelos de jornalismo. Ao longo da faculdade aprende-se todas as etapas que o jornalismo brasileiro passou até chegar aos dias de hoje.

Mas com o passar dos anos, e mesmo a imprensa acompanhando o progresso e a evolução dos meios de comunicação, preservou-se a forma literal e descritiva que foi se adaptando as novas realidades.

No entanto, os novos meios de comunicação mudaram a forma do jornalismo e os repórteres conservaram um meio de dar vida aos detalhes que formam uma narrativa literária.

Outro fator crucial, foi a observação dos perfis profissionais que se apresentaram no decorrer do curso de jornalismo. As características do jornalismo literário tornaram-se o fator predominante na escolha do gênero.

Nesse tipo de narrativa, criam-se histórias, que são transformadas em reportagens dentro de uma dinâmica própria, os personagens narram acontecimentos que não teriam oportunidades, no cotidiano do jornalismo diário.

2 INTRODUÇÃO AO JORNALISMO

Jornalismo, é uma modalidade profissional de distribuição e produção da notícia, Traquina (2005), ainda segundo o autor nesta perspectiva considera-se que o Jornalismo e reprodutor de conhecimento, de forma válida e útil para a sociedade.

Ainda ressalta Traquina (2005), assim toda forma de conhecimento produzida pelo jornalismo sempre será condicionada cultural e historicamente por seu contexto e subjetivamente adquirido por quem participa desta construção.

É um conjunto de valores e normas profissionais que determinam o tipo de informações a serem produzidas. Através dos meios de comunicação, essa atividade jornalística produz periodicamente informações que retratam a construção da vida tal como ela.

O autor afirma que numa breve passagem pelos jornais diários encontra-se a vida contada em seções políticas, econômicas e culturais, como em uma enciclopédia. Esses fatos são apresentados ao público como histórias produzidas e contadas o mais rápido possível. O fator tempo é importante para a difusão da notícia. Segundo Traquina (2005) o jornalismo procura a notícia que sai do começo ou do andamento de uma vida ou do fim dela, basta ser importante e interessante para o jornalismo ser praticado.

No entanto, jornalismo é o que acontece ou está acontecendo ou já aconteceu no mundo. Lage (2006), ressalta que procurar novas fontes, resumir documentos e contar o que é visto pode-se se tornar interessante. Rossi (2002), conclui, que o jornalismo é uma atividade intelectual, e é meio de informação e controle.

Jornalismo, independe de qualquer definição acadêmica é uma fascinante batalha pelas conquistas das mentes e corações de seus alvos – leitores, telespectadores ou ouvintes. Uma batalha geralmente sutil e que usa uma arma de aparência extremamente inofensiva- a palavra. (ROSSI, 2002, p. 7)

No entanto, a essência do jornalismo é a organização e seleção dos fatos a serem transformados em informação que por sua vez passam por etapas que constroem a

notícia tal qual como lemos e ouvimos. No século XIX, com as mudanças marcadas pelos avanços tecnológicos que resultaram em crescimento econômico e com fatores sociais que trouxeram a evolução no sistema político, nasce a versão do jornalismo que se conhece hoje.

O conjunto de técnicas surgida na América terminou sendo o mais adequado para a situação gerada na sociedade industrial madura. Os procedimentos desenvolvidos ali difundiram-se rapidamente por todos os países industrializados, com adaptações às culturas locais. Mesmo os críticos mais veementes, terminaram adotando as normas básicas da escola americana para produção de notícias e reportagens jornalísticas (LAGE, 2001, p. 20)

As técnicas jornalísticas foram levadas ao extremo. Neste panorama Traquina (2005) afirma que os jornais passaram a circular com maior velocidade, a modernidade trouxe mudanças significativas ao modelo de informação crescente no século XIX. No início desse século os periódicos eram o meio de maior comercialização da notícia.

Assim, no século XIX verificamos a emergência de um novo paradigma-informação não propaganda-que é partilhado entre os membros da sociedade e os jornalistas; a constituição de um novo grupo social – os jornalistas - que reivindica um monopólio do saber. (TRAQUINA,2005, p. 34-35)

Traquina (2005) explica, que utilizando esse paradigma, os meios de comunicação fornecem a notícia com fatos e não opiniões. Esse modelo que propôs ao jornalismo a produção em massa ocasionou o crescimento monetário gerado pelo comércio do produto (jornal) como também a profissionalização dos trabalhadores da área jornalística.

Numa história universal do jornalismo, cada vez mais visível na era da globalização, dois processos marcam a evolução da atividade jornalística: a sua comercialização e a profissionalização dos seus trabalhadores. Portanto, o surgimento do jornalismo enquanto atividade remunerada está ligada à emergência dum dispositivo tecnológico, do a primeiro mais media a imprensa. (TRAQUINA, 2005, p. 35).

O jornalismo tornou-se lucrativo. Embora o aumento das tiragens dos jornais fossem o objetivo central dos grupos dominantes da época, a expansão da imprensa ocorreu com a chegada dos novos meios de comunicação.

Traquina (2005), o autor ainda ressalta que com a chegada do rádio e da televisão, os anúncios tornaram-se importantes para a sobrevivência dos veículos que se moldavam com as estratégias americanas inseridas no lead de notícias.

Essa estratégia marcou a necessidade de modificar o modelo de informação que chegava ao público. Segundo Pena (2013, p. 41) "Até o começo do século XX, os jornais eram essencialmente opinativos".

Filho (2012), ressalta que o jornalismo é o fruto das relações produzidas pelo capital juntamente com as indústrias, que difundem o novo modelo de comunicação.

Não que a, informação/notícia estivesse ausente das páginas. Mas a forma como era apresentada é que era diferente. As reportagens não escondiam a carga panfletaria defendendo explicitamente as posições dos jornais (e de seus donos), sobre os mais variados temas. As narrativas eram mais retóricas do que informativas. (PENA, 2013, p. 41)

Buscando meios dinâmicos de inserir a notícia, o jornal *The New York Times*¹ publicou a primeira crônica construída dentro do formato da "Pirâmide Invertida" que consiste na organização das informações em blocos decrescentes onde o leitor nas primeiras linhas da reportagem terá um panorama convidativo com as informações relevantes.

Com a adoção desta técnica, as reportagens passaram a ser apresentadas no lead de maneira objetiva e a responder as questões clássicas do leitor: o que, quem, como,

¹ The New York Times, é um jornal diário estadunidense, fundado e publicado continuamente em Nova York desde 18 de Setembro de 1851, pela The New York Times Company. O The New York Times ganhou 117 prêmios Pulitzer, mais do que qualquer outra organização de notícias. <https://seuhistory.com/hoje-na-historia/e-fundado-o-new-york-times><https://seuhistory.com/hoje-na-historia/e-fundado-o-new-york-times> site consultado em 20 de novembro de 2018

onde, quando e por que. Pena (2013, p. 45) relata que “O *lead* nada mais é do que o relato sintético do acontecimento, logo no começo do texto. ”

Além de sintetizar a reportagem, de acordo com Pena (2013) o *lead* exerce uma série de outras funções onde a de maior relevância é a de despertar no público o desejo de ler o restante da matéria. Lustosa (1996, p. 79) afirma que “O *lide* inclui exigências que possibilitam a elaboração de bom texto de notícia, obtendo clareza, ordem direta dos fatos. Permite perceber o que se passa, pois encontra as seis perguntas primordiais respondidas “.

Segundo Pena (2013, p. 44), “o *lead*, pode ser classificado como Clássico, e passar a ideia do não envolvimento do destinatário com a hierarquização dos dados apurados. ” Também pode ser de Citação “é iniciado com a transcrição de uma fala ou depoimento expressivo de um personagem da história a ser relatada.

O *lead* pode ser também Circunstancial, de acordo com Pena (2013) o texto se apresenta de maneira original que justificará a prioridade de iniciar a narrativa com uma frase de impacto.

Ele pode ser de Clichê e iniciar com chavão ou ditado, pode empregar uma ideia como o *lead* Conceitual que usa a definição para atrair o leitor; Cronológico, que usa a sequência para realizar a reportagem e De apelo direto “procura envolver diretamente o leitor, ouvinte ou telespectador” Pena (2013, p. 45).

Além dos já citados Pena (2013), relata a existência de outros dez *leads*, eles são: o de Contraste, que contrastam com o clima da notícia, o Descritivo que reconstitui o cenário do acontecimento o de Enumeração que se apresenta com uma lista de hipóteses ou consequências.

O autor ainda descreve o *lead* Dramático com teor de conto e suspense, o Interrogativo que se mostra com uma questão sem solução logo no começo da matéria.

Há também o Rememorativo, que cobrem acontecimentos de maior duração. Além do Adversativo que é “caracterizado por iniciar, geralmente, com um advérbio que faz menção a uma expectativa” Pena (2013, p. 47). O Explicativo que abre com uma justificativa. O Apelativo” aproveita a possível ambiguidade dos dados para narrar maliciosamente, com um tempero falso, inusitado, fatos que não tem esse teor”. Pena,

(2013, p. 47). Multilide que é um antilide, a notícia é apresentada em partes e sem conexão com a pirâmide invertida.

Vale ressaltar que a função básica de cada um é a de identificar o tipo de narrativa a ser construída.

É precisamente com o estabelecimento do lead como convenção que podemos identificar a crescente afirmação de uma autoridade profissional, embora já tivessem existido outras manifestações de crescentes saberes ligados à atividade jornalísticas. (TRAQUINA, 2005, p. 89)

Esses saberes, segundo Traquina (2005), contribuem para o formato da notícia, ou seja, os textos são simplificados sem perder o conteúdo que direciona e atrai o leitor. No entanto, a produção da notícia depende de um processo que inclui fatores importantes que servem de guia em uma produção jornalística. Filho (2012, p. 194) afirma que “a notícia é a unidade básica da informação.”

Uma delas é a pauta, que tem como responsabilidade guiar o jornalista na construção da matéria. As fontes também têm papel fundamental na execução de uma obra jornalística.

Segundo Silveira (2003), o jornalismo vai além da notícia, porque nem sempre se tem com clareza qual tipo de acontecimento pode ser transformado em notícia.

Determinar qual enfoque terá uma produção jornalística em um veículo de comunicação é uma tarefa que envolve uma organização cujo as fases respeitam a produção de um conteúdo noticioso. Entre esses critérios está o ético que visa publicar a notícia íntegra e sem variações.

Por mais próximo que o jornalista fique de uma “fonte”, ao receber alguma informação, tem sempre de deixar claro que usará o que foi dito em uma reportagem. Não publique uma informação passada por uma pessoa de sua confiança sem que tenha sido autorizada. Isso até pode render uma reportagem de grande repercussão, mas, certamente, daquela pessoa não sairá mais nada. (FLORESTA; BRASLAUKAS, 2009, p. 11)

Então é preciso saber que notícia é o ponto de partida para apuração de um fato que se apresentará a sociedade de forma objetiva e parcial com a necessidade da clareza e veracidade.

Para quem escreve, segundo Lage (2002, p. 25), o conteúdo deve estar entrelaçado com a “importância ou desperta interesse o bastante para ser publicada,” o autor explica que os fatos que emerge de uma notícia, pode gerar comoção, motivação ou até mesmo conformidade.

A fonte faz parte desse processo de construção da notícia e possui papel importante. Silveira (2003) relata que a fonte tem sua responsabilidade ética em não contaminar os acontecimentos e, dessa maneira o público receberá elementos reais para julgar o que ocorre.

A fonte de qualquer informação nada mais é do que a subjetiva interpretação de um fato. Sua visão sobre determinado acontecimento está mediando pelos “óculos” de sua cultura, sua linguagem, seus preconceitos. E, dependendo do grau de miopia, a lente de aumento pode ser direcionada para seus próprios interesses. (PENA, 2013, p. 57)

A veracidade da fonte é um fator muito importante, no processo da interpretação do real, e estabelece o compromisso do anúncio dos fatos antes de serem publicados. Portanto, Pena (2013, p. 58), afirma que independente das circunstâncias “o resultado de uma conversa com a fonte depende essencialmente do que ela imagina sobre você e sobre suas intenções”. O autor relata que mediações com as fontes acontecem em diversos níveis e durante esse processo o mediador pode ser tornar fonte.

Traquina (2005, p. 191) explica que “a autoridade de uma fonte é um critério fundamental para os membros da comunidade jornalística”. Porém, as fontes são importantes pelo grau de prestígio ou posição na sociedade.

Uma posição de prestígio traz confiabilidade aos leitores e telespectadores. Pena (2013, p. 61) confirma que “as fontes também podem manipular o jornalista e agendar os meios de comunicação”.

No entanto, Traquina (2005, p. 190) acredita que “na cultura jornalística, a relação entre fonte e jornalista é sagrada e manifesta na importância que a comunidade jornalística dá o direito de sigilo profissional”.

As fontes não possuem um grau de visibilidade, mas a importância na cadeia comunicativa pode trazer ou não credibilidade ao repórter. Rossi (2002, p. 51) explica que “cultivar as fontes de informação é, portanto, exercício indispensável ao jornalista”.

Mas há maneiras e maneiras de fazê-lo, e a mais difícil é a única correta: pela rigorosa honestidade no trabalho jornalístico. Além da função de informar os fatos na origem, a fonte exerce o papel de denunciar, fornecendo provas.

As fontes podem ser classificadas como oficiais que, segundo Pena (2013), podem ser tendenciosas procurando defender seus próprios interesses, as empresas, associações e instituições políticas se enquadram nesse perfil.

Outro fator importante classifica o representante das organizações. Se não há autorização para representar essa fonte, ela passa ser oficiosa.

E se não tem ligação direta com as classes em questão, torna-se uma fonte sem vínculo (independente). No jornalismo ainda há outros tipos de fontes. Uma delas é a testemunhal. Pena (2013, p. 64) escreve que “ela tem relação direta com os fatos, já que é sua testemunha”.

Nessa classe testemunhal pode haver uma contaminação mediante ao preconceito, emoções e linguagem. Pena (2013, p. 64) evidencia que a “testemunha é apenas a perspectiva de um fato, jamais sua exata e fiel representação”.

Ele cita que a relação da testemunha com o caso também pode-se classificar como primária. Logo as fontes primárias procedem de testemunhal e secundárias são usadas para dar contexto às reportagens.

A comprovação da veracidade dos fatos produzidos pela fonte, servirá como veia central que conduzirá a notícia. Ainda pode-se dizer que a fonte é um berço de soluções e indica a profundidade dos fatos.

Logo as fontes sejam elas testemunhal, oficial, primárias ou secundárias, sempre limita a descrever sinais e não analisar os acontecimentos.

A fonte fornece a informação que orienta o repórter no caminho da construção ética do jornalismo fundamentado nos moldes da informação.

Logo, os pontos de vista das fontes não fornecem informação e sim os fatos, e a prática do jornalismo se objetiva a permanecer nos princípios gerais que governam a realidade em termos de precisão, atualidade, perenidade e clareza que indica uma linguagem de fácil compreensão e objetividade.

No jornalismo tradicional, as regras da redação ditam os procedimentos do repórter, a fonte é coadjuvante, (não deve contaminar os fatos), ou seja, a narrativa genuína deve ser mantida.

Para Pena (2013) cita, que o conceito da notícia é particularmente considerado o produto a ser consumido pelas massas, ou direcionado a um público específico. Lage (2001, p.18) ressalta que” A notícia ganhou sua forma moderna, copiando o relato oral dos fatos singulares, que, desde sempre, baseou-se, não na narrativa em sequência temporal, mas na valorização do aspecto mais importante de um evento. ”

Na sua essência, o jornalismo é uma representação discursiva de factos e ideias da vida do homem, construída para se contar ou mostrar a outrem. (...). Assim, pode dizer-se que o jornalismo vai buscar a sua origem mais remota aos tempos imemoriais em que os seres humanos começaram a transmitir informações e novidades e a contar histórias, quer por uma questão de necessidade (nenhuma sociedade mesmo as mais primitivas conseguiu sobreviver sem informação), quer por entretenimento, quer ainda para preservação da sua memória para gerações futuras (SOUZA, 2008, p. 5)

Para Pena (2008, p. 76) “ a escrita leva o significado sempre para posteridade, para o futuro” ou seja a escrita registra histórias que criam vínculos com o leitor dando a cada narrativa a possibilidade de perpetuação.

Assim, Lage (2001) conclui, que os leitores devem ser envolvidos com a leitura através de temas envolventes fornecendo apenas os relatos, apurados e interessantes.

2.1 Teorias do Jornalismo

O jornalismo é distinguido com base nas teorias. Qualquer teoria não passa de um reducionismo. “Se vou teorizar sobre determinado assunto, significa que quero enquadrá-lo sob um ponto de vista determinado” Pena (2013, p. 09).

Sob esse ponto de vista ainda segundo Felipe Pena, onze teorias direcionam os estudos jornalísticos. Mas, Traquina (2005) prefere sistematizar as teorias como diferentes e não necessariamente independentes uma das outras.

Segundo Pena (2013), a Teoria do Espelho foi utilizada ainda no século XX para compreender as notícias, e tem como base os reflexos da realidade através do jornalismo. Até hoje, essa teoria é defendida com base na crença que as notícias refletem a realidade.

Por essa teoria, o jornalista é um mediador desinteressado, cuja missão é observar a realidade e emitir um relato equilibrado e honesto sobre suas observações, com o cuidado de não apresentar opiniões pessoais. Seu dever é informar, e informar significa buscar a verdade acima de qualquer outra coisa. Mas para isso, ele precisa entregar-se à objetividade, cujo princípio básico é a separação entre fatos e opiniões. (PENA, 2013, p. 125)

Em contraponto, a Teoria do Newsmaking prega que o jornalismo está longe de ser um espelho do real. É, antes, a construção social de uma suposta realidade.

A perspectiva da teoria newsmaking é construtivista e rejeita claramente a teoria do espelho. Mas isso não significa considerar as notícias ficcionais, sem correspondência com a realidade exterior. Na verdade, o método construtivista apenas enfatiza o caráter convencional da notícia, admitindo que elas informam e têm referência na realidade. (PENA, 2013, p. 129)

Outra Teoria é a Gatekeeper. Segundo Pena (2013), é um clássico exemplo de teoria que privilegia a ação pessoal. A metáfora é clara e direta.

O conceito se refere a pessoa que tem o poder de decidir, ou seja, Traquina (2005) explica que a Teoria da Ação pessoal tem base nas opções particulares de cada jornalista, ele decide a seleção da notícia ou bloqueia a informação.

Pena (2013), ainda afirma que mediante aos acontecimentos só um pequeno número de informação é, destacada, porque o repórter determina o que será relevante. Ainda para Pena (2013), a Teoria Organizacional influencia o resultado do produto final, porque o trabalho jornalístico é dependente dos meios utilizados pela organização.

Outra teoria é a Gnóstica que pode ser traduzido por tipo de iniciação que é transmitido dos veteranos para os novatos. Esse procedimento é uma tradição restrita a um pequeno grupo de iniciados.

Nessa teoria o autor refere-se reconhecer quais fatos merecem virar notícia (faro jornalístico) e fala sobre a capacidade de selecionar as informações pertinentes para formação de uma narrativa noticiosa, ou seja, na rotina de trabalho jornalístico existe um código específico quase religioso (gnose) que pode identificar-se como conhecimento secreto da tribo jornalística.

Segundo Pena (2013), defender a ideia de que os consumidores de notícias tendem a considerar mais importantes os assuntos que são veiculados na imprensa, sugerindo que os meios de comunicação agendam nossas conversas. Essas características são da Teoria do Agendamento.

Pena também explica que a Teoria Instrumentalista verifica que as notícias servem objetivamente a determinados grupos políticos. A Teoria Etnográfica desafia o jornalista a tentar enxergar os fatos por diferentes pontos de vista. Ver com a lente do outro é fundamental nessa profissão afirma o autor.

A Teoria dos Definidores Primários aproxima-se da concepção instrumentalista sobre a atividade de produção jornalística mas reconhece que está sobre influência das rotinas produtivas.

O autor evidencia a Teoria da Espiral do Silêncio ele explica que a Teoria da Espiral do Silêncio trabalha com três mecanismos condicionantes.

Um deles é a acumulação que é o excesso de determinados temas na mídia. Outro é a forma semelhante como as notícias são veiculados. O terceiro é a ubiquidade,

que é a presença da mídia em todos os meios. Na sequência a teoria da Nova História, onde se defende uma nova atitude dos historiadores. Eles questionam fontes arquivos e até documentos considerados oficiais.

A Teoria dos Fractais Biográficos ou biografia sem fim foi desenvolvida para estudar um filão editorial, ou seja, refere-se as biografias. Que tende a organizar uma biografia em capítulos nominais. Pena (2013) se refere a essa teoria como recorrência, ou seja, um padrão dentro de outro padrão, onde o nível de complexidade vai aumentando.

O estudo dos Fractais também está inserido no conceito de infinitude. A biografia sempre será sem fim. Isso se refere a um dado novo que pode ser contado através de uma história complexa. A cada ângulo um novo fato.

Tudo o que temos são lacunas desses pontos de vista, e elas são infinitas. Não é possível contar essas histórias como elas realmente ocorrem, limite-se a torná-las interessantes e dividam seu trabalho com o leitor. A biografia prova que a palavra é mais perigosa que a espada e mais inebriante que o ópio.
(PENA, 2013 p.164)

No entanto, cada teoria vem para limitar ou enquadrar cada história dentro de uma perspectiva que constitui o que o senso comum das redações chamam de notícia. Neste contexto as teorias identificam os elementos, informativos que geram julgamentos e opiniões.

Se considerarmos a informação como a célula do conhecimento, é pertinente vermos as notícias como um dos processos de reprodução celular que colaboram na construção de um conhecimento estratégico, ou seja, no entendimento de contextos que dá elementos para se formar opinião ou julgamento.
(PADILHA, 2010, p.3)

Logo, cada teoria tem a função de responder a indagação de o porquê os fatos noticiados serem como são, e quais os efeitos que essas notícias causam no público.

Belo (2013) observa que teoria é necessário, mas a prática e a boa formação do profissional é o que define o valor notícia em qualquer veículo de comunicação.

3 JORNALISMO LITERÁRIO

O Jornalismo Literário para Pena (2008) é uma das vertentes do jornalismo e uma das alternativas para o espaço reduzido dos jornais impressos e televisivos. Porém, não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a literatura.

O conceito é maior. Significa evidenciar os recursos do jornalismo e ultrapassar os limites das reportagens cotidianas, proporcionar visões amplas da realidade, exercer forma plena a cidadania, romper as correntes burocráticas de uma redação, evitar definidores primários e garantir profundidade e perenidade aos acontecimentos diários.

No contexto histórico, Lima (2010) sugere que esse termo aparece na década de 1930, nos Estados Unidos. Já Pena (2008), apresenta o jornalismo literário iniciado nos jornais do século XIX na Europa.

No entanto, nos anos 60 esse estilo se destacou na América do Norte através do jornalismo de *Truman Capote*². Nesse período, os jornalistas adotaram uma forma de trabalho inovadora onde a observação deu origem as narrativas utilizadas nos veículos de comunicação da época. Os relatos eram contados através dos recursos da literatura.

A existência dessa modalidade também conhecida como literatura de não ficção tem origem e influência dos escritores que ocupavam os espaços nas redações.

Segundo Pena (2008), no Brasil surge na década de 60 o gênero que foi aqui batizado como jornalismo literário.

² Truman Capote foi escritor, roteirista e dramaturgo norte americano e o pioneiro no jornalismo literário. Sua obra de maior destaque foi "Bonequinha de luxo," levada ao cinema em 1961.

Esse estilo foi difundido através da revista Realidade, que promovia suas reportagens com base nos acontecimentos nacional. A revista explorava, em moldes literários, assuntos do cotidiano como a questão latifundiária, a seca nordestina e assuntos que eram tabus, como homossexualismo e sexo, de maneira que cada declaração dos entrevistados ganhava a descrição real e detalhada.

Bulhões (2007), ressalta que o narrador entra na mente dos seus entrevistados respeitando a visão e a expressão vocabular de cada indivíduo.

O jornalismo literário não ignora o que aprendeu no jornalismo diário. Nem joga suas técnicas narrativas no lixo. O que ele faz é desenvolvê-las de tal maneira que acaba constituindo novas estratégias profissionais. Mas os velhos e bons princípios da redação continuam extremamente importantes, como por exemplo a apuração rigorosa. (PENA, 2008, p. 13-14).

O jornalismo utiliza a literatura como um adicional a necessidade do autor de contextualizar as notícias. Segundo Pena (2008, p. 40), a literatura serve como "suplemento e tem a função de acrescentar conteúdo aos periódicos".

Para Wolfe (2005), o gênero literário se mostra pela agregação de recursos comuns do realismo. O primeiro descrito é a construção da reportagem a partir da reconstituição em sequência de cada cena.

Trata-se do registro de gestos, hábitos, maneiras, costumes, estilos de mobília, roupas, decoração, maneiras de viajar, comer, manter a casa, modo de se comportar com os filhos, com os criados, com os superiores, com os inferiores, com os pares, além dos vários ares, olhares, poses, estilos de andar e outros detalhes simbólicos do dia-a-dia que possam existir dentro de uma cena. Simbólicos de quê? Simbólicos, em geral, do status de vida da pessoa, usando essa expressão no sentido amplo de todo o padrão de comportamento e poses por meio do qual a pessoa expressa sua posição no mundo ou o que ela pensa que é seu padrão ou o que gostaria que fosse. (WOLFE, 2005, p.55)

A segunda é a presença dos diálogos completos em voz direta. O autor também classifica como importante o ponto de vista em terceira pessoa. O quarto ponto é a captação e apresentação de todo tipo de detalhes.

Essa captação exige uma quantidade de atenção e horas dedicadas a uma mesma reportagem. Para que esse gênero jornalístico tenha viabilidade, os repórteres devem passar o maior tempo possível com os personagens, o que torna o *New Journalism* diferente do jornalismo convencional.

A aproximação do jornalismo com a literatura, evidência a vida de indivíduos comuns, transformando-as em notícia que não perderá o valor e a atualidade.

Proença Filho (2012, p.210) ressalta que “nesse gênero de reportagem que deliberadamente se socorreu da literatura, o típico não funciona como categoria preponderante” o autor completa que o literário é um recurso que transforma o espectador em participante do fato, o autor ainda relata que o literário é um instrumento de dramatização do acontecimento é a forma explícita de contar um caso.

No caso da literatura isso significa que os lançamentos terão lugar de destaque, pois estão inseridos na lógica de um valor-notícia fundamental, é o da novidade. Mas também há outros aspectos muito valorizados como, por exemplo, o culto as celebridades e aos assuntos inusitados. (PENA, 2008, p. 40-41)

Assim, o Jornalismo Literário surgiu como uma fonte de escape que liberta os jornalistas da objetividade que ocasiona a ausência de profundidade nos textos. O jornalismo literário não está desligado do modelo tradicional.

Ele adiciona em suas construções as regras básicas dos discursos jornalísticos a clareza, concisão e objetividade apesar da insatisfação de muitos profissionais da imprensa com as disciplinas da objetividade jornalística.

Pena (2008, p. 53) fala que a objetividade” é uma prisão narrativa que recomenda começar a matéria respondendo perguntas básicas do leitor. ”

O autor ainda relata que o jornalismo novo foge do tom bege e pálido. Esse tom caracteriza os relatórios e as pautas, que formam a imprensa objetiva.

No literário, o caminho é inverso: os repórteres se apropriam da subjetividade e se desligam do manual das redações.

Jornalismo literário pode ser definido também como produto que se vale das técnicas literárias para construir a história cena a cena, registrar diálogos com completude e exatidão, além de apresentar os acontecimentos por pontos de vista diferentes, o registro de roupas, hábitos e gestos.

O detalhamento do ambiente, as expressões faciais, os costumes e todas as outras descrições só farão sentido se o repórter souber lidar com os símbolos. Se puder atribuir significados a eles, e mais importante ainda se tiver a sensibilidade para projetar a ressignificação feita pelo leitor. (PENA, 2008, p.55)

Ainda segundo Felipe Pena, a observação da realidade é fator decisivo que prenuncia o ponto de partida preso a um tratamento literário que dá origem as crônicas com contexto de humanização e de reconstituição histórica dos ambientes onde o repórter se ajusta como narrador fidelizando o relacionamento da fonte.

Esse ritmo de reportagem, concentra-se em situações vivas que são sustentadas pela fala dos seus personagens, que ditam o caminho da literatura da realidade.

O poder de reconstituição das cenas não está apenas centrado no narrador \ repórter mais em uma série de normas que conduzem a narrativa.

Pena (2008), retrata que o jornalismo literário cria margem a uma série de diferentes interpretações sobre o que seu significado abrange.

Na Europa, esse gênero se divide em duas interpretações: a primeira está classificada como periodismo de *creación* e se vincula a textos exclusivamente literários, que eram veiculados apenas em jornais. Já o segundo, que se apresenta como periodismo informativo de *creación*, une a finalidade de informação com uma face narrativa apurada.

A questão é que já parte do ponto do texto ser inteiramente informativo e não ter uma narrativa trabalhada. No Brasil, o termo também é classificado por diversos pontos. Um deles trata o gênero como uma crítica das obras literárias escritas nos jornais.

Para alguns autores, refere-se a um período da história em que os escritores assumiram as funções jornalísticas nas redações especificamente no século XIX.

Assim, defino Jornalismo literário como linguagem musical de transformação expressiva e informacional. Ao juntar os elementos presentes em dois gêneros diferentes, transformo-os permanentemente em seus domínios específicos, além de formar um terceiro gênero, que também segue pelo caminho da infinita metamorfose. (PENA, 2008, p. 21)

A literatura não é só ficção, assim como o jornalismo não é só objetividade, mas qualquer texto, para ser considerado jornalístico deve informar com elementos da realidade que os tornam identificáveis.

Segundo Lima (2009 p. 355) “Tratam-se de dados primários que ancoram na matéria naquilo que podemos aceitar como real e concreto. A exatidão e a precisão, portanto fazem parte do ideário”.

Essa tradição é o jornalismo literário assim denominado pela incorporação de recursos e técnica, de captação e redação provenientes da literatura. É um jornalismo narrativo de autor, busca expressar a realidade contando histórias, na maioria das vezes com um foco centrado fortemente nas pessoas de carne e osso que dão vida aos acontecimentos. Espera-se do narrador uma voz própria, um estilo individualizado de condução do texto. (LIMA, 2003, p.10)

4.1 Estrela de Sete Pontas

Segundo Pena (2008) a estrela de sete pontas é um conjunto de diferentes itens indispensáveis na harmonia que compõem o jornalismo literário. O autor ainda explica, que a primeira ponta potencializa os recursos do jornalismo.

Ela desenvolve novas estratégias profissionais, inserindo no seu contexto diário, os princípios que continuam extremamente importantes, como a observação e a apuração rigorosa, a abordagem ética e a clareza.

A segunda ponta rompe com as características básicas do jornalismo: a periodicidade e a atualidade.

O autor demonstra a terceiro ponto que proporcionar uma visão ampla da realidade e contextualizar a informação. Em quarto lugar é preciso ser cidadão e exercer o compromisso com a sociedade.

A quinta característica rompe com modelo do lead, que se traduz em adicionar estratégias de construção narrativas com criatividade elegância e estilo, a sexta ponta da estrela evita as fontes oficiais.

A voz que implica na construção está contida nas narrativas das pessoas ligadas diretamente aos eventos.

Como não há tempo no jornalismo diário, os repórteres sempre procuramos personagens que já estão legitimados nesse círculo vicioso. Mas é preciso criar alternativas, ouvir o cidadão comum, a fonte anônima, as lacunas, os pontos de vista que nunca foram abordados. (PENA, 2008, p.15)

Por último, Pena (2008) explica que uma obra de jornalismo que se utiliza da literatura não pode se afastar da perenidade.

Uma reportagem tem que despertar interesse no leitor como explica Felipe Pena que a permanência na reportagem reflete na continuidade do registro da história.

4.2 A Linguagem Literária

Na identificação da linguagem literária, Proença Filho (2001) explica que só há literatura onde existe uma cultura desenvolvida proveniente de um povo.

O autor também apresenta a literatura como arte, que dá origem a um novo meio de comunicação. Criando em seu modelo narrativo, uma expressão diferenciada e singular na apresentação do discurso.

Segundo Proença Filho (2001, p.7) "O texto da literatura é um objeto de linguagem ao qual se associa uma representação de realidades físicas, sociais, emocionais mediatizadas pelas palavras da língua na configuração de um objeto estético".

O autor exemplifica que a linguagem literária repercute no leitor, revelando emoções profundas, que envolvem de forma peculiar os textos narrados em dimensões sociais, individuais, históricas e universais.

O discurso literário está associado às representações gramaticais que buscam traduzir o cotidiano dos personagens, e dos fatos ligados a notícia.

Na literatura, o começo, o meio e o fim fazem parte da produção. O imaginário do leitor é provocado pelo uso das tensões e dos conflitos encontrados na descrição dos textos. Esse procedimento é uma tática natural da literatura unida a produção das notícias.

Segundo o autor, existem modelos que diferenciam o discurso literário do discurso comum. A complexidade é uma delas. No discurso não-literário, existe uma ligação imediata com o referente.

Já na literatura, ele ultrapassa o limite de uma simples reprodução. A criatividade do texto é a regra a ser seguida.

Proença Filho (2001), afirma que a linguagem literária produz enquanto a não-literária segue as regras de apenas registrar um fato de acordo com padrões que podem ser mudados com a intenção ou necessidade de cada veículo. O autor explica que um texto não-literário é redigido dentro das regras que regulamentam a escrita e o literário só precisa de liberdade.

4.3 Livro-Reportagem

No Brasil, o livro-reportagem surge em 1902, com a obra 'Os Sertões' de Euclides da Cunha, considerado o primeiro periódico com essa classificação.

Segundo Vidal e Souza (2010, p. 102), a cobertura a guerra de Canudos foi um ensaio que apresentou "os antecessores diretos da reportagem brasileira contemporânea".

É uma alternativa para as reportagens que não terminam nos jornais e revista. O livro-reportagem amplia as fronteiras do jornalismo diário e rompe com as regras ditadas nas redações.

O espaço é amplo e ilimitado. A reportagem ganha aspectos que serão condicionados à abrangência dos seus fatos.

Dessa forma, a prática jornalística dentro desse espaço (livro-reportagem) representaria um grande potencial para transformação do jornalismo.

Belo (2013), explica que a apuração detalhada e a busca por novos fatos podem tornar perfis, biografias, temas históricos, memórias e relatos de grandes acontecimentos, em material para um livro-reportagem. Ou seja, o livro-reportagem permite a ampliação do trabalho da imprensa cotidiana.

O livro reportagem não tem, a rigor, uma data de nascimento. Muito antes de seu conceito ser empregado nos círculos acadêmicos ou nas rodas de jornalistas, centenas de narrativas de não ficção já haviam sido publicadas. Mesmo assim é possível estabelecer um ponto de partida aproximado: A reportagem em livro começou a ganhar força como um subgênero da literatura na Europa do século XIX. (BELO, 2013, p.19)

O livro reportagem é mais que uma alternativa para a publicação de relatos de grandes proporções ou atrativos ao público.

Além de se classificar como um gênero literário onde o autor esmiúça uma reportagem que não seria aproveitada nas mídias tradicionais. Lima (2009) esclarece que o livro-reportagem é uma ferramenta de comunicação no meio impresso, que é não-periódico.

Nesse espaço, a reportagem ampla tem superior tratamento em relação ao que se é de costume nos meios de comunicação.

Segundo Belo (2013), a técnica empregada na construção do livro consiste na simplicidade de formar as narrativas com recursos próximos da literatura, e mostra-se como um diferencial só empregado no gênero literário.

Além disso, o livro-reportagem pode ser identificado como um subsistema, que usa as técnicas jornalísticas como a pauta, redação e edição, cujo o objetivo está ligado à intensificação dos critérios literários, que estruturam os relatos descritos.

Belo (2013), ressalva que a construção de um livro-reportagem requer um nível de informações capazes de superarem as barreiras do imediatismo e da superficialidade.

Já que o caráter da reportagem se apresenta como não perecível e de maior durabilidade. Deste modo, o objetivo é fazer que o veículo seja alvo de permanência no mercado.

Por suas características, não substitui nenhum meio de comunicação mas serve como complemento a todas. É um veículo no qual se pode reunir a maior massa de informação organizada e contextualizada sobre um assunto, e representa também a mídia mais rica (BELO, 2013, p. 41)

Porém, o livro reportagem, como explica Belo (2013), abre maior espaço para explorar profundamente a interligação dos fatos expostos em fragmentos dentro de uma linguagem apressada e enxuta empregada nas reportagens dos jornais.

Além de dar profundidade aos temas apresentados no Jornalismo Diário, o livro-reportagem também, “penetra em campos desprezados ou superficialmente tratados pelos veículos jornalísticos periódicos, recuperando para o leitor a gratificante viagem pelo conhecimento da contemporaneidade”. (LIMA, 2004, p.7)

Esse modelo de jornalismo rompe com as regras, e o Novo Jornalismo cria uma espécie de protesto contra a ditadura do lead e das limitações impostas pelo capitalismo.

O jornalismo era um negócio e o importante era vender um número cada vez maior de exemplares. Belo (2013, p. 41) ressalta “A finalidade era atingir ao máximo de leitores com formações diferentes e graus de instrução dispares.

Essa visão empresarial acabou reforçando o padrão jornalístico baseado na pirâmide invertida, tão largamente difundido no Brasil.

Mesmo dentro desse contexto de industrialização da notícia, Belo(2013) comenta a obra máxima do *New Journalism* “A Sangue Frio³, “ que foi uma série publicada em quatro edições onde o autor *Trumam Capote*, após seis anos de apuração, escreveu a história de uma chacina ocorrida no interior do *Kansas*, nos Estados Unidos.

A reportagem convertida em livro recebeu do autor a classificação de “ romance de não ficção”. De acordo com Belo (2013), não se considera toda não ficção como jornalismo, mas em afirmação todo o jornalismo tem que ser não ficcional.

Mesmo com a livre interpretação da verdade, devem prevalecer os relatos genuínos dos personagens. Essa característica foi contestada na obra de *Trumam Capote*, porque ele não tomava nota apenas confiava em sua memória.

O fato e que a verdade e um mosaico. Fala por mil vozes. Tem mil faces. ‘E interpretada, construída e reconstruída. Está inserida em uma teia de conexões e complexas estruturas. E até as simplificações, paradoxalmente, confirmam a complexidade [...] diversas vozes múltiplos olhares formam o acontecimento. (PENA, 2008, p.118-119)

Entre as complexidades que envolve a informação e a comunicação, o livro-reportagem, se apresenta como um título, que se modifica a cada história construída.

Segundo Pereira Lima (2009) o livro-reportagem pode ser classificado por padrões que os diferenciam entre si.

O primeiro em destaque é o Livro-reportagem-perfil: um dos mais conhecidos Pereira), explica que essa versão trata-se de uma obra que procura evidenciar o lado

3 Obra de Trumam Capote. Fruto de uma intensa investigação, feita ao longo de meses, *A sangue frio* é um dos livros que fundaram o jornalismo literário, gênero que combina a objetividade factual e os recursos da narrativa de ficção. <https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=11606> site consultado em 15 de novembro de 2018.

humano de uma personalidade pública ou de uma personagem anônima que, por algum motivo, torna-se de interesse

Na sequência o Livro-reportagem de depoimentos: reconstituição de um acontecimento relevante segundo a visão de alguma testemunha ou participante do fato.

Ainda é relevante citar o Livro-reportagem-retrato: semelhante ao livro-perfil, porém focaliza-se uma região geográfica, um segmento da sociedade, um objeto mais amplo que a figura humana.

O autor cita o Livro-reportagem-denúncia com caráter investigativo; Livro-reportagem-antologia: agrupamento de reportagens de Jornalismo Literário; Livro-reportagem-viagem: o fio condutor é uma viagem por uma região geográfica.

A classificação, segundo Lima (2009) é vasta vai do registro dos ramos das ciências, histórias, fotografias e outros.

3 JORNALISMO DIGITAL

O jornalismo digital surgiu nos anos 90 como ferramenta que auxilia o jornalismo tradicional. Nas últimas décadas a internet gerou um novo ciclo que nasceu com a inovação e criação de mídias multifuncionais que personalizam a informação.

Segundo Palácios (2003), as novas tecnologias se expandiram criando espaço para uma nova modalidade de comunicação. Esse modelo evolui junto com a modernização.

Conceber ambientes e instrumentos para a compreensão da complexidade cultural que envolve as mensagens multimídia e os contextos de produção dessa mesma complexidade é uma das questões fundamentais que importa compreender, pois hoje, e cada vez mais, a relação entre comunicação e tecnologia torna-se onnipresente, onisciente, omnitecnociente no cotidiano humano. (LIMA, 2013, p. 9)

A transformação desse conceito de informar por mídias sociais, sites e blogs traz por definição um jornalismo diferenciado no modo de distribuição e captação da notícia. Com isso, as modificações ficam inseridas no padrão estabelecido pelo espaço das *home page*.

Também por definição, esse tipo de jornalismo se apresenta com caráter particular, onde a personalização e a customização do conteúdo torna-se marca registrada dos espaços digitais.

Além disso, Pena (2008) afirma que essa plataforma pode ser definida ainda sem a totalidade, porque a distribuição da informação em ambiente digital passa por mutações provenientes das mudanças dos diversos setores da sociedade.

E essas transformações impulsionaram o crescimento e a produção dentro das características que utiliza-se da perenidade, instantaneidade, interatividade, multimídiação, programação e hipertextualidade.

Palácios (2003), ainda ressalta dentro da personalização do conteúdo da notícia, que a plataforma online permite o uso de outras mídias em um mesmo espaço.

O texto é apenas um complemento que acompanha fotos, vídeos, infográficos, podcats, gifs que acabam sendo obrigatórios dentro dessa modalidade.

Logo, o jornalismo digital representa uma nova maneira que evolui na apuração, disseminação e circulação do conteúdo informativo. A informação online pode ser veiculada em tempo real e a atualização das notícias pode ocorrer ininterruptamente.

A partir da implantação do jornalismo na web é possível verificar veículos governamentais, empresas e ongs divulgarem ideias, produtos, e também noticiar fatos sociais através de revistas, sites e blogs.

Cabe explicar que a funcionalidade do jornalismo digital, segundo Levy (2001), emprega o uso de diversos veículos de comunicação, além de cada elemento possuir características particulares.

O primeiro é o hipertexto que segundo o autor, possibilita a navegação do usuário através de sucessivas linkagens, interconectando informações em diversos formatos - texto, imagem, áudio e vídeo.

O hipertexto seria, essencialmente, um sistema intertextual, enfatizando uma intertextualidade que ficaria limitada nos textos em livros. A referência feita a outro texto é potencializada no hipertexto através do recurso do link, que realiza as conexões. (MIELNICZUCK; PALÁCIOS, 2001, p. 4).

Essa estrutura funciona, ressalta Palácios (2003), como uma rede cujo eixo se desdobra de forma progressiva e com várias de ramificações, todas passíveis de serem percorridas pelo leitor ao longo do processo de construção de sentido da narrativa, com linguagem restrita ao texto e à imagem.

O hipertexto possibilita a maior interação entre leitor e texto. Isso resulta do encadeamento de uma rede múltipla de informações.

Esse é um processo de permanente construção da leitura nos veículos digitais que só foi possível com o desenvolvimento das tecnologias que potencializaram o emprego dos recursos hipertextuais.

O autor ainda fala que o hipertexto está relacionado com as criações da web (revistas online), ou seja, é um mecanismo de acesso a informação.

No Webjornalismo, o conceito de interatividade está relacionado com a interação entre leitor e produtor da notícia. Com o surgimento da Internet, a mensagem, antes tida como unidirecional, agora pode ser interativa e personalizada e direcionada a um determinado público.

Para isso, sites de notícias disponibilizam em suas páginas recursos que possibilitam a interação, como caixas de comentários para que o leitor expresse sua opinião, listas de discussão ou fóruns, chats, enquetes, além da aproximação entre jornalistas e leitores com a troca de e-mails.

Machado (1997), afirma que através dos links, o leitor pode complementar as informações. Recorrendo aos arquivos e confrontando novos dados o internauta ao acessar a rede, busca um percurso definido, onde todos os elementos das mídias digitais interagem simultaneamente.

O conteúdo informativo possibilita que processo de leitura seja cumprido como um percurso, definido pelo leitor- operador ao longo de um universo textual.

Essa multimidialidade é, por definição a integração em uma mesma unidade de informações de vários tipos. Textos e imagens, sons, base de dados ou qualquer programa executável de acordo com Palácios (2003), na web o material noticioso é disponibilizado em espaço progressivo e ilimitado.

Possui memória múltipla, pois é possível agregar matérias em diversos formatos e tamanhos. Apesar do espaço exigir uma dinâmica, na apresentação do material, a web armazena formatos e suporta a extensão, isso significa que o ambiente de jornalismo de revista online se apresenta como espaço ideal para o desenvolvimento de narrativas multimidiáticas.

A Memória no Jornalismo na Web pode ser recuperada tanto pelo Produtor da informação, quanto pelo Utente, através de arquivos online providos com motores de busca (search engines) que permitem múltiplos cruzamentos de palavras chaves e datas (indexação). Sem limitações de espaço, numa situação de extrema rapidez de acesso e alimentação (Instantaneidade e Interatividade) e de grande flexibilidade combinatória (Hipertextualidade), o Jornalismo tem na Web a sua primeira forma de Memória Múltipla, Instantânea e Cumulativa. (PALÁCIOS, 2002, p.7)

Outra característica da web é a Personalização, uma característica que se pode definir como uma tendência que potencializa os suportes midiáticos.

Através da organização do conteúdo, levado em consideração o público-alvo que é elaborado pela classificação de idade e classe, surge neste contexto a segmentação que é ditada pelo tipo de leitor.

Este tipo de publicação potencializa-se no ambiente digital, com base na forma de produção da notícia. Na opinião de Barbosa (2001), a personalização (customização) de conteúdo é uma característica do ciberjornalismo, e ocorre por meio do próprio percurso escolhido pelos leitores.

Com a personalização, o conteúdo jornalístico passa a ter a configuração de uma potência, ou seja, de uma série de conteúdo armazenados não mais como depósito ou arquivo, e sim, como uma miríade de conteúdo, atualizáveis segundo a lógica de preferência, histórica e hipertextual de cada usuário. Gerando processos efêmeros de publicitação eletrônica, atualizáveis várias vezes ao dia, e diferenciados entre si, de acordo com a sua inter-relação com usuários específicos. (SILVA JUNIOR, 2000 apud BARBOSA, 2001, p.5)

Tudo é imaginado pelos produtores e todo o conteúdo é formatado de acordo com o usuário. Os cadernos online são personalizados de acordo com a construção elaborada pelo veículo (design) como também leva em consideração as preferências do usuário. A informação é customizada para um determinado público.

Além dos elementos já citados, Palácios ressalta a Atualização Contínua que representa uma das maiores rupturas com o jornalismo tradicional.

A instantaneidade foi trazida pelo webjornalismo e se define como a possibilidade de atualizar-se continuamente. Essas características tecnológicas facilitam a busca por informações e isso proporcionam que elas sejam veiculadas a uma velocidade muito maior que a do jornalismo impresso, preso à periodicidade diária.

No jornalismo online, a renovação de notícias pode ser constante. Palácios (2003), explica que a noção de tempo real é introduzida por redes altamente globalizadas o circuito de informações são rápidos e eficazes.

Assim, o jornalismo online consegue manter seções de últimas notícias que se atualizam minuto a minuto. Esse ritmo possibilita o acompanhamento dos assuntos de valor noticioso.

Porém, no caso da revista, o caráter de atualização permanente não tem o mesmo valor que o jornalismo noticioso exige.

Na revista, a utilização não precisa estar vinculada ao caráter urgência. Nesse caso, a publicação online pode se atualizar conforme suas expectativas e público.

5 ANÁLISE E MAPEAMENTO DA REVISTA DIGITAL

A revista “NATO”, uma experiência multimídia criada para explicar o que é a OTAN, (Organização do Tratado do Atlântico Norte), informa o que faz, como funciona, além de divulgar agendas. A revista traz uma visão geral dos países membros da OTAN. A NATO foi criada para difundir as notícias vinculadas a essa organização.

À primeira vista, a página pretende ser um complemento do produto impresso. A maioria das reportagens carecem de links para outras reportagens, sites ou informações multimídia diretamente ligados e relacionados a construção textual.

É uma revista segmentada e possui padrões tecnológicos necessários na elaboração do seu conteúdo digital.

O primeiro elemento localizado foi o arquivamento mensal das edições anteriores. O segundo apresenta muitos recursos audiovisuais, que são vídeos explicativos sobre a questão em pauta.

Em terceiro, configura-se como uma característica desse tipo de veículo (revista-online) as fotos ou galeria de fotos, vale ressaltar que parte da diagramação de uma reportagem multimídia é composta por fotos seguidas de textos não necessariamente nessa ordem.

Uma curiosidade da revista é que ela é escrita por uma especialista, no caso dessa edição a Doutora Sima Samar ⁴é a elaboradora do conteúdo. Nesse caso o conteúdo analisado segue o padrão informativo. A exemplo do título que desperta a curiosidade.

⁴ A Doutora Sima Samar foi ministra dos assuntos das mulheres do Afeganistão de 2002 a 2003. Atualmente é presidente da Comissão Independente dos Direitos Humanos do Afeganistão (AIHRC)

O título criativo “ O Afeganistão: o que tem corrido bem, o que tem corrido mal”, é uma característica do jornalismo de revista. Nessa produção não existe linha fina e a técnica da pirâmide invertida não é adotada. Nota-se um lead Circunstancial, porque dá ênfase às circunstâncias nas quais aconteceu a história a ser narrada.

O Lead:

Quando os Taliban foram expulsos em 2001, sentiu-se uma nova esperança em todo o país. O povo afegão, cansado de um passado sombrio, embarcou numa alegre iniciativa de construção da nação e do Estado. Ambicionava prosperidade, liberdade e paz. A presença, a cooperação e o apoio da comunidade internacional galvanizavam esta esperança. Em retrospectiva, eu via uma mistura de progressos extraordinários e de fracassos terríveis. (SAMAR, 2011)

De acordo com Pena (2008), esse tipo de lead é característico das matérias construídas com toque humano mais acentuado, que apelam também ao emotivo. Quanto ao conteúdo, a reportagem identifica fatores do cotidiano do Afeganistão após retirada dos Talibãs.

A narrativa descreve os aspectos políticos, econômicos e sociais dos últimos 10 anos. Neste ponto da construção do texto, verifica-se fontes documentais que tratam de informações das leis já elaborados (a nova constituição do Afeganistão).

A reportagem também possui caráter analítico porque analisa o país nos últimos anos. Pode-se verificar o modelo interpretativo por descrever as ações sócias econômicas e políticas do povo afegão, análise feita pela própria autora.

A notícia tem possibilidade de ter continuidade, porém não se encontra a atualização dos acontecimentos e sim o anúncio da próxima edição.

A narrativa não possui uma hierarquização na construção do texto, ou seja, o importante é o relato e não a ordem e nem a importância dos fatos.

A forma de escrita se aproxima mais das narrativas de revistas a linguagem é mais literal do que a do livro-reportagem. Nesse sentido, há uma despreocupação com o imediatismo, que causa o distanciamento para com o texto em pirâmide invertida.

Na estrutura que se apresenta, o texto tem uma introdução que permite ao leitor identificar a relevância do assunto, partindo para o centro do debate e, posteriormente, tendo acesso histórico dos acontecimentos.

Cada parágrafo, parte de um contínuo que reflete os interesses da organização. Os textos são expositivos, dados e versões que adicionam veracidade ao conteúdo da reportagem com o objetivo de informar.

A sequência usada na narrativa une os acontecimentos através da linguagem falada e escrita. Além de utilizar juízo de valor, vejamos o exemplo a seguir:

Contudo, uma década após a invasão do Afeganistão, a inexistência de um sistema de justiça viável e justo continua a ser o maior fracasso do país. Embora tenham sido feitos esforços para restaurar e reavivar o nosso sistema de justiça, infelizmente, os afegãos continuam a encarar o progresso de forma negativa. Sem um sistema de justiça forte, independente e a funcionar, temos poucas hipóteses de sucesso noutras áreas. (SAMAR, 2011)

6 MAPEAMENTO E ANÁLISE DO LIVRO O AFGANISTÃO DEPOIS DO TALIBÃ

O Livro “O Afeganistão depois do Talibã” foi escrito por Adriana Carranca jornalista e mestre em políticas sociais pela *London School of Economics* (LSE). Ela é repórter especial do jornal o Estado de São Paulo.

Cobriu acontecimentos importantes no Irã, Egito, Israel, além do Afeganistão e do Paquistão, entre outros.

Carranca conta onze histórias afegãs do 11 de setembro e a chamada década do terror. A escritora narra a viagem feita ao Oriente médio em um livro elaborado por fatos decorrentes do atentado de 2001, nos Estados Unidos da América.

A primeira viagem ao Afeganistão aconteceu em novembro de 2008. Ao desembarcar em Cabul, a insurgência estava estabelecida: o Talibã já tinha conquistado a maior parte do território.

As histórias foram construídas através de relatos dos próprios personagens. Cada indivíduo construiu detalhe a detalhe das particularidades vivenciadas após o ocorrido na América.

As declarações contextualizavam os reflexos de julgamentos preconceituosos que passaram a existir nos territórios onde o alcance da mídia atingiu. A autora também retrata o surgimento dos problemas sociais que se originaram pós retirada dos terroristas.

O livro inicia trazendo à tona a descrição com clareza da colisão entre o avião da American Airlines e a torre norte do World Trade Center.

Nas primeiras páginas nota-se uma construção textual que dialoga com as normas jornalísticas e literárias. O “11 de setembro” foi relatado cena a cena pela repórter.

Na sequência, verificam-se os fatores históricos que confirmam uma das características da segunda parte da estrela de sete pontas que, segundo Pena (2008), recomenda ultrapassar os limites do cotidiano.

Em outras palavras, existe um rompimento com duas características básicas do jornalismo tradicional e contemporâneo: a periodicidade e a atualidade.

Em suma, o livro proporciona a ampla visão da realidade, que é uma indicação da terceira ponta da estrela que, segundo Pena (2008), é contextualizar da forma mais

abrangente possível a informação, ou seja cada relato descreve o passo a passo da reportagem.

Vejamos o trecho que demonstra a segunda ponta da estrela, como também a quinta ponta que sugere o rompimento do livro-reportagem com as correntes do lead.

O voo número 11 da American Airlines colidiu com a torre norte do World Trade Center, em Nova York, Fatema, múla Abdul, marechal Fahim, Massouda, Wahida, Alberto, Ajmal, Miguel, Sayed, Shah e Sadaf não imaginavam que aquele acontecimento afetaria diretamente suas vidas em uma terra distante mas precisamente a 10,864 quilômetros da ilha de Manhattan). Dezesete minutos depois do primeiro choque, exatamente às 9h03, um segundo avião, o voo 175 da United Airlines mergulhou na torre sul do World Trade Center, afastando de uma vez a hipótese de acidente aéreo um terceiro atingiu o Pentágono, na Virginia às 9h37, e um quarto avião caiu em um terreno vazio próximo de Shanksville, na Pensilvânia, às 10h03. Os passageiros teriam tentado sem sucesso, retomar o controle da aeronave desviada pelos sequestradores para Washington D.C., não é certo se com a intenção de atingir o Capitólio, onde fica o Congresso o americano, ou a Casa Branca, residência oficial do presidente dos Estados Unidos. (CARRANCA, 2011, p. 7)

O trecho acima demonstra o rompimento com as formas engessadas que as redações impõem.

O lead, que é o topo da pirâmide invertida, não é uma característica encontrada no jornalismo literário. Nesse gênero, os fatos são narrados por ordem de acontecimentos, afim de introduzir a verdadeira face ao livro.

A descrição cena a cena do atentado terrorista é apenas uma introdução que principia a descrição de histórias cujos personagens são fontes narradoras de suas próprias reportagens.

A princípio, nota-se que cada personagem é fundamental para o discurso empregado no livro. As histórias de vida tal como se apresenta neste livro-reportagem destacam que as notícias usadas como construção não são ficção, mas, pelo contrário, são elaboradas e construídas a partir dos conhecimentos trazidos na bagagem cultural de cada indivíduo e jornalista, como confirma, Traquina (2005). O autor fala ainda que a captação da notícia ganhou requintes de romance de novela com expressões literárias tais como a metáfora, a descrição, o detalhamento e a humanização da notícia.

O livro propõe uma nova visão dos fatos que se comprovam como perenes que consta como a sétima ponta da estrela.

Nessa maneira de informar a perenidade é indispensável na edificação do livro-reportagem. A informação tem importância, e serve como um chamariz, aprofundado nas técnicas literárias, ou seja, a notícia não perde o valor.

A jornalista emprega no livro fatores históricos que envolvem desde personagens políticos e histórias dos povos que viveram nos séculos passados, além de relatos de pessoas simples que sentiram na pele as transformações ditadas pelo terrorismo.

O próximo trecho da história identifica a perenidade dos assuntos tratados no livro, como também a clareza delegada a um fato histórico usado para explicar o porquê de o Afeganistão se tornar o que as diferentes mídias divulgam.

Soviética Turcomenistão e Tadjiquistão e pela gigante China, o Nos mapas atuais da região compreendido entre a imponente cordilheira Hindu Kush, que percorre as fronteiras sul e leste, o rio Amu Daria, ao norte, e os desertos arianos, a oeste, lê-se: Afeganistão. As fundações desse Estado como conhecemos hoje foram definidas no Império Durrani – ou Império Afegão- erguido sem intervenção estrangeira por uma confederação de tribos pachot, mas tarde conhecida como a dinastia Durrani, liderada pelo comandante militar Ahmad Shah Durrani em 1747 e que se tornou a maior dominação muçulmana da história ao lado do Império Otomano, os afegãos se referem a ele como “o baba” (o pai). Cercados pelos conturbados vizinhos Irã e Paquistão, pelos países da antiga União Afeganistão encerra uma longa histórias de batalhas, manchadas pelo sangue de muitos conquistadores que tentaram, sem sucesso, dominar seu povo. Divididos em tribos, mas profundamente ligados por valores ancestrais, os bravos afegãos têm se provado capazes de defender seu território e suas tradições com uma força invencível ao longo dos séculos e até hoje. (CARRANCA, 2011, p.8-9)

Ainda analisando o trecho acima, percebe-se o requinte da linguagem e o profundo conhecimento que a autora utiliza para contextualizar as onze histórias do livro, o que a teoria de Traquina (2005), sobre o conhecimento do repórter e a sua atuação na construção da notícia que seguramente não perde a atualidade e a profundidade de cada relato.

A história de qualquer coisa é apenas o que podemos saber sobre esta coisa, jamais a totalidade. A lacuna é onipresente. O passado não está pronto. Ele ainda está por fazer, e articula-se no presente, ou melhor, na presença (ou simultaneidade), onde elaboramos a memória e a transformamos em discurso. (PENA, 2008, p. 76)

A autora delimitou cada fase do livro de acordo com o contexto histórico social, político e cultural do Afeganistão. No local, Adriana Carranca, além repórter, também se torna protagonista do que viveu em territórios estrangeiros. Aqui verificamos a presença do autor narrador que é característica do gênero literário.

Proença Filho (2001), relata que o jornalismo unido a literatura gera textos com começo, meio e fim. Essa descrição é notada em cada trecho da narrativa.

A autora desenha o ambiente pós talibãs dando vida a anônimos por uma ótica única, explorando a simplicidade do povo.

Seguindo com as características do gênero, vejamos um exemplo de metáfora: Carranca (2001, p. 20) " uma colmeia de pedras, rochedos, buracos e cavernas sem fim; uma superfície árida onde não há verde nem água, nenhuma vida. (Como alguém um dia acreditou que Bin Laden estivesse escondido aqui?)"

As metáforas são comuns na escrita literária. É um recurso utilizada na elaboração das histórias contidas no livro reportagem e servem como uma contribuição que eleva os textos a um nível de compreensão prazerosa aos leitores.

Na sequência do livro verificamos histórias de personagens que contextualizam a transição do governo pós-talibã. Suas vidas desenharam o ambiente de análise proposto pelo presente trabalho: Fatema, a herdeira; Múla Abdul, o talibã; e Marechal Fahim, o senhor da guerra.

No primeiro capítulo, a autora reconstrói o quebra-cabeça do imaginário de Fatema. A personagem viveu no exílio por mais de vinte anos. O texto apresenta características do gênero literário.

A narrativa constrói os relatos de Fatema dentro do modelo caracterizado no livro reportagem (literatura e jornalismo), a narrativa apresenta detalhes a sobre vida da personagem, ainda se nota que a história é construída a partir do ponto de vista da fonte.

Na sequência, outro entrevistado representante do governo de transição pós-talibã e líder espiritual descendente de Maomé, Múla Abdul, descreve cena a cena a trajetória que o fez narrador do seu cotidiano.

A partir dessa classificação, é possível detectar elementos classificados na estrela de sete pontas características do jornalismo literário, já que a repórter ultrapassa os limites do cotidiano (segunda ponta da estrela).

O senhor da guerra, Marechal Fahim, não diferente dos demais personagens, protagoniza sua própria história. A reportagem proporciona a visão ampla da realidade

Logo, os três primeiros capítulos do livro-reportagem se assemelham na descrição e construção do texto. Encontra-se assim o que Pena (2008) contextualiza no livro *Jornalismo Literário* através das sete pontas da estrela, com o rompimento da burocracia imposta por um lead de notícias.

São potencializados os recursos também usados no jornalismo tradicional: a apuração, a observação e a abordagem ética são conservados dentro desse veículo de comunicação.

O objeto de estudo é construído passo a passo com elementos mencionados na estrutura do novo jornalismo. Os textos permanecem constantes na sua composição.

Dentro dos capítulos que citam vidas como a de Massouda, a candidata; Wahida, a viúva; Alberto, o estrangeiro; Ajmal, o infiel; Miguel de Deus, o mensageiro; Sayed, o refugiado; Shah, o livreiro; Sadaf, a lutadora; são encontradas semelhanças que confirmam o livro reportagem como produto da construção jornalística que une literatura como componente da formação textual com objetivo da permanência do leitor, que é um fator importante no desenvolvimento das matérias baseadas nos preceitos do jornalismo novo.

Esse jornalismo, segundo Pena (2008), não pode ser superficial ou efêmero. Diferente do cotidiano do jornalismo, as notícias servem para influenciar o imaginário de gerações levando em conta o enredo produzido com as multifacetadas da realidade.

No quarto capítulo, a jornalista registra a vida de Massouda, uma médica afegã que luta pelo direito de se candidatar ao governo interino de seu país.

A entrevista toma rumos onde os detalhes paralelos ganham importância imediata na criação do enredo.

Vejamos o trecho:

.Após mais de vinte anos de lutas, Massouda representava a transformação pela qual o país passava, em todos os sentidos - por ser mulher, com diploma universitário, independentemente de partidos e sem tradição política ou envolvimento em conflitos passados. Ela era o novo em um Afeganistão ainda dominado por velhos-chefes tribais, líderes religiosos, comandantes, senhores de guerra. Eram eles que definiriam o novo governo de transição. E talvez o país não estivesse preparado para enfrentar o novo. Aquele prenúncio do mal, no entanto, não intimidou Massouda. Como chefe de políticas para mulheres do Programa Mundial de Alimentação da Organização das Nações Unidas durante o regime Talibã, a médica estava habituada a receber ameaças, inclusive de morte. Por pouco não teve que deixar o país. O 11 de setembro a salvaria. (CARRANCA, 2011, p. 92)

Neste trecho, a autora explora os limites dos acontecimentos. A reportagem escrita por Adriana Carranca não aborda fatos isolados.

A jornalista expõe diferentes abordagens que se relacionam na estrutura do texto, ou seja, une-se em um só corpo textual fatores históricos e políticos vivenciados pela personagem Massouda. A descrição da família e da infância da entrevistada, seriam fatores considerados banais para um veículo convencional de comunicação.

No texto seguinte, no quinto capítulo, Wahida, a viúva, descreve a tragédia vivida por seus familiares. Cada momento é descrito como um filme. A viúva narra o cotidiano dentro da realidade afegã, que confinava e gerava medo.

A digressão de forma intencional é percebida na construção da narrativa. As utilizações de técnicas literárias são visíveis nesse formato de escrita jornalística. Além já da técnica citada, a descrição cena a cena comanda a sequência deste capítulo.

A vida de Whida é contada a partir das experiências da personagem em relação aos conflitos civis. Mostrar as aflições vividas por Whida é o elemento explorado nesse capítulo.

Sentimentos como medo são descritos como conexões que ligam os parágrafos, trazendo humanização ao conteúdo dos relatos.

A digressão localizada neste texto remonta fatos que levam a reportagem de forma intencional a mudar de assunto.

Fala-se de emoções e dor, cultura, família, bombas, conflitos histórias do passado e relatos do presente, informações políticas, descrições sobre homens bombas, mortes, além da repórter utilizar a subjetividade contando da própria emoção que teve ao ver a entrevistada chegar.

Na sequência, trecho que identifica a digressão:

Eles me trazem presentes – vasos feitos pelas crianças com garrafas PET recicladas. Vejo os olhos de Amanullah brilharem pela primeira vez quando entrego a ele uma bola de futebol do Brasil, além de dois jogos de botão, lápis de cor, giz de cera, massinha de brincar, para dividir com os irmãos; um colar de conchas do mar para Khaleda e outro para Wahida. Quando estamos para conversar, no jardim da pousada onde eu estava hospedada, ela retira a burca e me dá um sorriso largo. Diz que nunca tinha ganho um colar de presente antes. E eu me pergunto como pode ainda sorrir. (CARRANCA, 2011, p.132)

Em seguida, no sexto capítulo, a repórter trabalha com a história do estrangeiro Alberto Cairo que é fisioterapeuta e italiano.

Conta o livro que Alberto ajudou a recolher mortos e feridos da Jihad contra os soviéticos, e sobrevivente do conflito civil.

Ele aceitou a ajuda de senhores da guerra, negociou muitas vezes com os talibãs, cuidou feridos alguns deles e de inúmeras de suas vítimas. Alberto tratou de amputados, aleijados, queimados; de feridas infeccionadas, necrosadas pelo o abandono.

O personagem relata que “a pobreza mata muita mais gente no Afeganistão do que a guerra em si” Carranca (2011, p. 133).

Nesse capítulo, a vida do personagem é explorada de forma contínua. A repórter se utiliza dos acontecimentos sociais e políticos para conduzir a entrevista.

O personagem demonstra temor com a repetição da pergunta da repórter. Adriana insiste na questão sobre os talibãs e a resposta de Alberto representa uma fuga do contexto real da pergunta. Nisto, o livro mostra o preparo da repórter em produzir uma pauta que conduz à entrevista.

Essa característica do jornalismo tradicional não é desprezada na construção do livro reportagem.

Vejamos o trecho das perguntas e respostas:

Já atendeu um talibã? -Eu pergunto. Espero que sim! Mas não sei dizer, porque quando atendo um ferido não pergunto quem ele é. Isso não me interessa-responde ele ríspido. Não teve problemas durante o governo dos radicais? Só o que os talibãs me pediram era que homens e mulheres fossem atendidos em alas separadas. (CARRANCA, 2011, p. 143)

Na sequência, o sétimo capítulo é dedicado a Ajmal Naqshbandi, um martirizado nos conflitos, formado pela universidade de Teerã. Os estudos de Ajmal foram concluídos durante o exílio.

Esse trecho descreve os acontecimentos relacionados à vida do entrevistado. É visível a mudança de assunto de forma intencional. No entanto, o texto se amarra entre si.

A narrativa apresenta a introdução dedicada a história do pai do personagem, e em seguida, o jornalista é citado no estilo juízo de valor, como relata a repórter Carranca, (2011, p. 161-162), dizendo” esforçado, o jovem financiou estudos para três irmãos. ”

Em seguida, fala-se do 11 de setembro, do discurso do presidente dos Estados Unidos da América, e do casamento da repórter Daniele Mastrogiacomo do jornal *La Repubblica*, segundo maior diário da Itália.

O oitavo capítulo trata de fatos sobre Miguel, o mensageiro de Deus, que prova que jornalismo literário é o que relata Pena (2008, p. 76) “nesse sentido memória é só memória no esquecimento ou no segredo, pois quando acionada (ou seja lembrada) torna-se discurso.”

O mensageiro de Deus conta fatos espirituais e os relacionam ao atentado do 11 de setembro. Ele visa levar o conforto espiritual aos afegãos.

A repórter se mostra mais uma vez narradora das suas próprias opiniões fazendo a narrativa fugir do modelo tradicional do jornalismo.

Ainda verifica-se no capítulo nove a voz autoral da repórter como também sua imersão na realidade utilizando recursos do jornalismo literário, Sayed. Um refugiado que mora no Brasil, descreve cada fato ligado aos conflitos palestinos.

No capítulo dez é relatada a história de Shah, o livreiro de Cabul. A vida as memórias as aspirações do personagem são articuladas dentro de uma conjuntura própria que dá origem a uma narrativa com riquezas de detalhes do ponto de vista do jornalismo literário. A vida comum do livreiro tornou-se um espetáculo. Shah é autor da sua história.

O livro encerra suas narrativas com uma personagem em conflito com sua cultura. A boxeadora Sadaf integra uma equipe formada por vinte meninas entre 14 e 25 anos, que treinam no mesmo estádio onde eram feitas as execuções de mulheres adúlteras. A história da jovem se desenvolve entre um passado de conflitos e um futuro de possibilidades.

São registrados os recursos básicos do jornalismo literário. Entre eles o detalhamento do ambiente, dos costumes e tradições usando uma retrospectiva, quando se fala do que antes se realizava no estádio onde hoje acontecem os treinos.

A autora ultrapassa os limites dos acontecimentos cotidianos. Ela rompe com a atualidade, que, segundo Pena (2008) é uma característica básica do jornalismo contemporâneo. A visão ampla da realidade está contextualizada no relacionamento do personagem com outros fatos.

A história é reconstruída cena a cena, mas a mudança do enredo de forma intencional é percebida. A narrativa é gerada a partir da vida de Sadaf mas entram em contexto outros fatores históricos e sociais que amarram a produção pelo ponto de vista do personagem e do conhecimento da repórter no que se refere a traduzir os símbolos. A perenidade é identificada em todo o livro.

7 ANÁLISE COMPARATIVA

Na análise comparativa verifica-se, que os dois veículos de reportagens apresentam traços em comum. Cada narrativa segue a padronização do seu gênero.

No livro-reportagem “O Afeganistão depois do Talibã” é identificado as características do jornalismo literário, e na reportagem especial “O Afeganistão: o que corrido bem, e o que tem corrido mal” encontra-se o modelo de construção do jornalismo digital.

As duas narrativas possuem semelhanças na abordagem sobre os relatos sociais. No entanto a angulação dada a cada narrativa parte do ponto de vista das fontes como também da voz autoral do repórter. Os autores introduzem uma reflexão própria

No livro-reportagem essa reflexão é representada através da digressão da jornalista. No mesmo sentido a reportagem também demonstra essa característica em forma de opinião.

No livro as fontes são identificadas com clareza. Anônimos e apenas um famoso (o livreiro de Cabul) relatam suas histórias. Logo, pode-se classificar fontes testemunhal e documental. As fontes primárias ditam os próprios acontecimentos. No livro nota-se a presença da fonte secundária que aparece especificamente no capítulo sobre Ajmal Naqshbandi, que relata a vida do jornalista morto.

Diferente da revista digital o livro é identificado dentro da teoria Etnográfica. Já, na revista online não existem personagens, as fontes são documentais e a matéria é elaborada dentro da Teoria Organizacional que visa, o interesse do órgão ao qual pertence.

Essa teoria, confirma que o teor da reportagem se limita ao tipo de público e que o jornalismo digital supre o imediatismo da sociedade.

No entanto o livro-reportagem demonstra um intenso processo que envolve tempo e paciência. Apesar de tratar de um fato jornalístico ele não precisa se preocupar com a imparcialidade e com a objetividade. Porém o conteúdo noticioso da revista Nato se preocupa com esses fatores.

O ponto de vista de cada autor, busca uma temática diferente, o livro dialoga com uma série de fatos, já o conteúdo digital procura uma única vertente que oferecem desdobramentos geram novas abordagens (links) a cada leitor.

No entanto o livro é um espaço viável para o jornalismo literário e também supre a necessidade de informação da sociedade. E a jornalista demonstrou que através de uma linguagem narrativa e da estrela de sete pontas o cotidiano de pessoas podem ser conteúdo noticioso dentro dos critérios do jornalismo literário.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho permitiu enquadrar as características do jornalismo literário dentro do livro reportagem de Adriana Carranca “O Afeganistão depois do Talibã” e comparar com a reportagem da revista “Nato” que apresenta outra versão do mesmo assunto sobre os Talibãs.

As reportagens são contemporâneas e retratam o que aconteceu após a retirada dos Talibãs depois do atentado terrorista de “11 de setembro” de 2001 aos Estados Unidos da América.

No livro, a autora utiliza os elementos do jornalismo literário que caracterizam a construção da narrativa. Verificou-se o uso da estrela de sete pontas pertinentes nesse modelo.

Como descreve Pena (2008), através primeira característica, potencializar os recursos do jornalismo, podem-se constituir novas estratégias profissionais. A segunda defendida por ele, ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano, e do tempo.

A terceira ponta da estrela, proporcionar uma visão ampla da realidade. É contextualizar a informação da forma mais abrangente possível. A quarta característica, exercer a cidadania, afirma que é dever do jornalista o compromisso com a sociedade. A quinta característica, “romper com as correntes do lead”, a sexta evitar os definidores primários. E a última, “perenidade”, já citados durante a elaboração desse projeto.

Por essas características percebe-se que as histórias foram exploradas de maneira diferenciada do jornalismo diário.

A união da literatura com o jornalismo é notada através também das metáforas, ao utilizá-las, a jornalista explica de forma mais visual o que as palavras não dão conta de descrever.

As características como digressão do repórter são visíveis nos textos. Essa receita se repete ao longo dos 11 capítulos do livro.

Nota-se que o mesmo trecho poderia ser considerado exemplo do outro, pois o livro é fortemente ditado dentro do contexto que verifica os conflitos do Afeganistão.

Verificou-se a classificação do gênero do livro que está enquadrado em livro-reportagem de depoimentos que, segundo Lima (2009), é um modelo construído dentro dos relatos das fontes participantes da história e da reconstituição de um acontecimento relevante segundo a visão de alguma testemunha ou participante do fato.

Foi verificado, na constituição do livro, o uso de fontes testemunhal, que segundo Pena (2013) tem relação direta com os fatos, além de documental que procedem da primária.

O livro foi construído dentro da teoria Etnográfica por ser um periódico constituído com as seguintes características: a jornalista tenta enxergar os fatos com a visão dos personagens, ou seja, ver com os olhos dos outros.

Para se destacar as peculiaridades do livro-reportagem, analisou-se a narrativa da revista Nato que representa a OTAN. A produção do seu conteúdo ganha outro ângulo: a reportagem é segmentada para um público específico.

Na reportagem, nota-se a ausência de entrevistados. A matéria é escrita por uma especialista da organização que transmite seu próprio conhecimento e opinião sobre o assunto.

Logo, verificou-se uma narrativa informativa classificada dentro da teoria Organizacional por se tratar de uma reportagem que depende dos meios utilizados pela sua organização.

A reportagem possui título, fotos e texto. Por se tratar de uma revista em plataforma online, encontra-se nela o modelo característico do jornalismo digital: links e vídeos que complementam ou levam a assuntos relacionados ao Afeganistão.

A narrativa não constitui uma hierarquia nos fatos. Não existe o valor notícia no grau de importância.

O texto é uma construção que não se consolida como uma narrativa ligada ao jornalismo literário. Não foram encontradas metáforas e digressões. Sua linguagem é aproximada do jornalismo de revista, no entanto não se configura como jornalismo literário.

O modo como o texto é redigido pode ser entendido como uma sucessão de fatos que organizam-se dentro do conflito da história, (no caso da revista um público específico), já que ela foi criada para divulgar fatos de interesse dos países ligados a OTAN.

Tanto o livro quanto a plataforma digital, cada uma em si, respeita seu padrão de construção do gênero. O espaço e toda as características dos veículos (livro e revista digital), foram definidores do tipo de narrativa produzida.

Logo pode-se afirmar que o livro reportagem constitui-se em um espaço viável para o jornalismo literário, e os elementos desse mesmo modelo foram encontrados no livro *O Afeganistão Depois do Talibã*.

A diferença de direcionamentos dos dois veículos fica clara. Porém ambas as reportagens são construídas dentro do valor notícia, ou seja, os veículos estão implícitos no critério em que os acontecimentos são considerados interessantes, relevantes e significativos para ser tonarem um enredo.

REFERÊNCIAS

BELO, Eduardo. **Livro- Reportagem**: São Paulo: Contexto, 2006.

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**: São Paulo: Ática, 2007.

CARRANCA, Adriana. **O Afeganistão depois de Talibã**. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2011.

DEJAVITE, Fábila. A. **Infotainment**: informação + entretenimento no jornalismo. São Paulo: Paulinas, 2006.

FLORESTA, Cleide; BRASLAUSKAS, Ligia. **Técnicas de reportagem e entrevista em jornalismo**: roteiro para uma boa apuração. São Paulo: Saraiva, 2009.

LAGE, Nilson. **Teorias e técnicas do texto jornalístico**: São Paulo: Campos 2000.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**: São Paulo: Ática, 2006.

LAGE, Nilson. **A Reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LAKATOS, EVA MARIA; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamento de metodologia científica**: 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LIMA, Edvaldo, Pereira. **Páginas ampliada**: “O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura”. São Paulo. Manole, 2009.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro reportagem**: São Paulo, Brasiliense.2002.

LUSTOSA, Elcias. **O texto da notícia**: Brasília: UNB,1996.

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo**: São Paulo, Brasiliense, 2002.

PADILHA, Sônia. **A Contribuição do Webjornalismo na Construção da Sociedade do Conhecimento**: Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2010. Disponível:<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-padilha-webjornalismo.pdf>. Acesso em 08 maio 2018.

PALÁCIOS, Marcos. Ruptura, Continuidade e Potencialização no Jornalismo Online: o Lugar da Memória. In: MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos (Orgs). **Modelos do Jornalismo Digital**: Salvador: Callandra, 2003.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**: São Paulo, Contexto,2008.

PENA, Felipe. **Teorias do jornalismo**: 3. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

SAMAR, Simar. **Título. Revista da Nato.** Estados Unidos, 2011. Disponível em: https://www.nato.int/docu/review/2011/Afghanistan-2011/afghanistan-Samaar-____O Afeganistão: o que tem corrido bem, o que tem corrido mal. right-wrong/PT/index.html. Acesso em: 20 maio 2018.

SOUZA, Jorge Pedro. **Uma história breve do jornalismo no Ocidente:** Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2008. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/Sousa-Jorge-pedro-uma-história-breve-do-jornalismo-no-ocidente.pdf>. Acesso em: 09/09/2018.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo I:** porque as noticia são como são. 2. ed. Florianópolis: Editora Insular, 2005.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX.** São Leopoldo: Unisinos, 2001.

SOUZA, Candice. **Repórteres e reportagens no jornalismo brasileiro:** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

WOLFE, Tom. **Radical chique e o novo jornalismo.** Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ANEXO 1 REPOTAGEM DIGITAL



O Afeganistão tem feito progressos na promoção e proteção dos direitos humanos, direitos das mulheres, na liberdade de expressão e na educação - especialmente na educação das mulheres. © Nomad photos

O Afeganistão: o que tem corrido bem, o que tem corrido mal

Quando os Taliban foram expulsos em 2001, sentiu-se uma nova esperança em todo o país. O povo afegão, cansado de um passado sombrio, embarcou numa alegre iniciativa de construção da nação e do Estado. Ambicionava prosperidade, liberdade e paz. A presença, a cooperação e o apoio da comunidade internacional galvanizavam esta esperança. Em retrospectiva, eu via uma mistura de progressos extraordinários e de fracassos terríveis.

Falemos primeiro dos progressos. O país tem feito progressos na promoção e proteção dos direitos humanos, direitos das mulheres, na liberdade de expressão e na educação, especialmente na educação das mulheres. Organizaram-se duas eleições presidenciais e parlamentares, implementaram-se serviços públicos e melhoraram-se as infraestruturas públicas.

Agora os fracassos. Tem-se fracassado no fornecimento de dois pilares fundamentais da sociedade: a justiça e a segurança. Um conflito prolongado e uma situação de deterioração da

ANEXO 2 REPORTAGEM DIGITAL

segurança, juntamente com um sistema de justiça frágil, têm prejudicado e colocado em risco todo o progresso alcançado no Afeganistão até ao momento.



Hoje em dia, cerca de 32% dos estudantes afegãos são raparigas. © Nomad photos

A nova constituição do Afeganistão garante aos afegãos os direitos humanos e as liberdades fundamentais da forma mais lata possível. Contudo, a sua implementação seletiva tem-na tornado ineficaz. Além disso, enquanto os direitos constitucionais não forem plenamente reconhecidos, implementados e apoiados por legislação adicional e por um sistema judicial são, os Afegãos continuarão a estar desligados dos seus direitos fundamentais.

Apesar disto, as mulheres afegãs, a quem eram negados a liberdade e os direitos humanos fundamentais sob o domínio Taliban, têm encontrado um ambiente novo e mais aberto. Hoje em dia, detêm posições no parlamento, ocupam lugares de destaque no governo e representam o país em diversos eventos nacionais e internacionais. Contudo, os desafios estruturais, tradicionais, sociais e políticos, tais como a violência doméstica, a visão patriarcal da sociedade, a pobreza, os conflitos e a insegurança, continuam a ser obstáculos significativos ao maior desenvolvimento dos direitos das mulheres.



ANEXO 3 REPORTAGEM DIGITAL

Pessoal do Exército Nacional Afegão (ANA) durante treinos. © ISAF

Um sistema de educação expandido e acessível tem sido um sucesso para o Afeganistão. De acordo com as últimas estatísticas do Departamento de Estado dos EUA, mais de seis milhões de crianças vão à escola. Cerca de 32% são raparigas. Com as crianças de regresso à escola, o Afeganistão pode sonhar com um futuro melhor. Porém, é necessário prestar mais atenção a uma educação com qualidade, conseguir melhores instalações e professores mais qualificados, em especial professoras.

Mais afegãos (65%) têm acesso a serviços e instalações de saúde do que em qualquer outro período da história do país. Contudo, todos temos consciência de que a qualidade persiste como um desafio considerável. As clínicas e os hospitais recém-construídos sofrem grandes carência ao nível de pessoal habilitado; além disso, a disponibilidade de medicamentos e de equipamento continua a ser uma grande preocupação.

Em termos políticos, o país criou algumas bases, embora frágeis. Organizou duas rondas de eleições presidenciais, provinciais e parlamentares, embora estas tenham sido prejudicadas por fraudes e irregularidades. Não acredito que a administração do Presidente Hamid Karzai tenha demonstrado ser um governo eficaz e honesto, mas nenhum governo anterior ofereceu melhores condições. Com o tempo, espero que os partidos políticos e o governo demonstrem uma maior capacidade para tomar decisões importantes.

O exército afegão, equipado com tecnologia moderna, disciplinado e sob o controlo de uma autoridade civil, é outro grande feito para o Afeganistão. Contudo, o governo tem tido dificuldade em organizar uma força policial civil nacional capaz de fazer cumprir a lei, assegurar a ordem e proteger os seus cidadãos. Apesar disso, têm sido feitos esforços contínuos para melhorar a situação nas grandes cidades.

Até ao momento, a presença constante das forças internacionais tem ajudado a evitar que o país caia numa guerra civil. Contudo, ainda não sabemos se a paz e a segurança poderão ser garantidas aos afegãos de forma sustentável.

O desenvolvimento social e económico do país tem sido constante. Tem retirado centenas de milhares de afegãos da pobreza absoluta e criado a oportunidade de ganhar um salário diário através dos projectos de reconstrução e de infraestruturas. As iniciativas empresariais, que vão desde aviários ao artesanato, passando pelas microfinanças e outras iniciativas, não só deram poder ao estatuto das mulheres nas suas famílias, como também alteraram as normas. Isto deve continuar.

ANEXO 4 REPORTAGEM DIGITAL



Paisagem afegã. © Nomad photos

A promoção e a protecção dos direitos humanos têm estado no cerne da política pública e internacional do Afeganistão. Alcançaram-se algumas melhorias, em especial no que diz respeito aos direitos civis e políticos. No Afeganistão, tem-se assistido ao crescimento dos *media*, tanto em termos de quantidade como de qualidade. As condições nas prisões têm melhorado, a tortura tem diminuído e, embora em menor extensão, tem havido progresso relativamente ao respeito pelas garantias processuais e processos equitativos.

Contudo, uma década após a invasão do Afeganistão, a inexistência de um sistema de justiça fiável e justo continua a ser o maior fracasso do país. Embora tenham sido feitos esforços para restaurar e reavivar o nosso sistema de justiça, infelizmente, os afegãos continuam a encarar o progresso de forma negativa. Sem um sistema de justiça forte, independente e a funcionar, temos poucas hipóteses de sucesso noutras áreas.

Temos um longo caminho a percorrer, tanto os afegãos como a comunidade internacional. Para melhorar os sucessos tão arduamente alcançados nos últimos dez anos, preservando o nosso progresso e capitalizando o nosso sucesso, temos de continuar a trabalhar em conjunto. Precisamos de dar ênfase à boa governação, à justiça, aos direitos humanos, a uma sociedade , nos cuidados de saúde e na criação de emprego. O governo civil forte e à garantia de segurança. Precisamos de continuar a investir na educação tem de se tornar mais reactivo, obter mais resultados e assumir verdadeiros compromissos na luta contra a corrupção.

A comunidade internacional tem de proteger o Afeganistão da ingerência estrangeira, que promove a radicalização e o terrorismo.

Acredito que vamos prosperar e emergir mais fortes; mas somente se tivermos paciência, se perseguirmos os nossos objectivos e se respeitarmos os nossos valores.